

# Design de Moda e Percepção Tátil

Geraldo Coelho Lima Júnior<sup>1</sup>

## Resumo

No Brasil, com diferenças climáticas regionais, e tantas misturas raciais, muitas são as cores de pele. A partir destas considerações, este ensaio divaga sobre esta embalagem sensorial do corpo, num diálogo em que arte, ciência e design se apresentam. A pele pode ter qualidades distintas de percepção térmica e tátil de sujeito para sujeito e com este pensamento pretendo abrir esta abordagem. Entre sul e norte, este texto situa o comportamento e características, funcionais e estéticas da pele. O tato também é o sentido em destaque, assim como o design de moda.

**Palavras chave:** design de moda, pele, percepção, contemporâneo.

---

<sup>1</sup> Geraldo Coelho Lima Júnior é Designer de Moda e Mestrando em Design sob a orientação do Prof. Dr. Wilton Garcia, pela Universidade Anhembi Morumbi.

...quantos ao nosso redor desfrutam com alegria a pele, o tímpano, as papilas de suas línguas, e quão poucos manifestam seu descontentamento frente à feiúra e ao ruído que poluem o espaço com o horror das paisagens massacradas e das cidades malcheirosas, com uma alimentação que exalta mais a rapidez do que o sabor? (SERRES, 2004, p.67)

Seria correto dizer que a maneira como recebo um tecido sobre meu corpo sofre influência da reação sentida pela pele? Quantas interferências são possíveis? e quais poderiam ser os resultados das mesmas no tocante a uma alternância de recepção e percepção sensorial entre sujeitos igualmente diferentes?

Durante o caminho pela vida, muitas vezes estou mais desejoso de sentir a presença do calor à do frio, ou prefiro me recostar em superfícies mais flexíveis a outras mais rígidas. Aprecio o escorrer líquido como o vinho sobre meu corpo à textura oleosa do azeite. Faço opções, muitas vezes inconscientemente, pelo puro impulso. Uma escolha natural, mas necessária sobre o que quero que toque meu corpo, minha pele.

A pele é o contato do meu corpo com o mundo em que vivo. Através dela conecto-me com o outro e sinto sua presença. Ao tocá-lo, posso senti-lo em categorias táteis distintas.

Viver é estar envolto pela pele, cobertura necessária e geradora de prazeres, mas também de dores, que acompanha cada um de nós durante todos os nossos dias. Para cada um, ela se modifica, elastifica, pregueia, dobra, colore-se, conforma-se de acordo com o corpo que envolve. Úmida, seca, molhada, fria ou quente, ela reage com o ambiente a fim de proporcionar bem estar. Tingi-se em muitas tonalidades.

No país da miscigenação, a pele carrega histórias de misturas: índio, negro, branco, europeu, asiático, africano. A pele fala línguas trazidas de vários cantos do planeta e revela texturas que em outras terras não se conhece.

Suas cores estão presentes desde o nascimento de cada sujeito, rico ou pobre, alto ou baixo, gordo ou magro, homem ou mulher. Neste corpo brasileiro, com pouca cobertura de tecidos e com sua pele mais exposta, do seu cheiro exala a tão divulgada sensualidade. Muito possivelmente adquirida em virtude de uma necessidade e de um resgate cultural, esta pele que se cobre e se desnuda,

envolve o corpo solto, que se move em meneios, que traz uma preguiça tatuada em sua história, que traz o gingado na alma.

A pele se submete ao sol dos trópicos, se modifica, se colore como urucum ou jambo, sombreada no verão, um pouco mais pálida no inverno. Inverno que deve ser pensado onde acontece, pois de norte a sul, neste país continente, o sol irradia e aquece e o frio quando surge logo desaparece, e mais uma vez o calor se faz sentir.

Este corpo brasileiro sente na pele, durante cada um de seus trezentos e sessenta e cinco dias do ano, os efeitos solares que preparam-na através do calor que o envolve e desta forma promove sua adaptação e o capacita a resistir mais facilmente ao sol.

Sol, calor, altas temperaturas regem o verão neste país abençoado por Deus, bonito por natureza, que em fevereiro despe seus corpos no carnaval, para nosso prazer e delírio, e também para o de todos os estrangeiros que chegam para usufruir as maravilhas tropicais das terras abaixo do equador.

Aqui o pecado é estar muitíssimo “queimado” e não conseguir que peles se toquem em desvelados encontros, única e exclusivamente em função de suas sensibilidades. Os sujeitos do norte chegam desavisados ao escaldante verão tropical, e por aqui suas peles não resistem à tentação das praias e à visão dos corpos mais belos, desenhados, esculpados, e que por ser invejados geram o desejo da igualdade, infelizmente inatingível no curto espaço de uns poucos dias.

Viva as diferenças!

### **Entre o sul e o norte: um caminho sob o sol**

Mas o que difere nossa pele tropical daquela de nossos vizinhos ao norte do equador? O que trazemos configurado em meio a todos os seus poros? Qual é esta nossa sensibilidade epidérmica? Qual a alma de nossa pele?

O toque não pode ser identificado apenas como ação física, mas deve ser considerado em paralelo ao comportamento de cada indivíduo, em relação à sua sensibilidade, o momento em que recebe o tecido sobre o corpo ou toca

um objeto, sua emoção, pois todos estes fatores podem compor um quadro de percepção.

Da mesma forma que “muitos eventos físicos de maneira alguma podem ser observados com recurso exclusivo dos sentidos, (...) existem numerosas propriedades para as quais nenhum instrumento físico pode ser inventado...” (HOCHBERG, 1966, p. 13), e como observado acima, a qualidade da percepção tátil está presente neste quadro.

### **Um sentido para sentir**

Esta sensibilidade tátil, não é percebida em nossas atividades corriqueiras, salvo ao entrar em contato com algum objeto e este apresentar características marcantes como textura ou temperatura, que indiquem sua presença.

Nossos sentidos são frágeis. A percepção das coisas exteriores é fraca, prejudicada por mil véus, provenientes de nossas taras físicas e morais: doenças, preconceitos, indisposições, antipatias, ignorâncias, hereditariedade, circunstâncias de tempo, de lugar, etc.(ANDRADE, 1987, p. 67).

Mário de Andrade, em seu *Prefácio Interessantíssimo*, traz em imagens poéticas as impossibilidades de medidas científicas dos sentidos, e neste momento uso de sua poesia para trazer esta citação mais próxima ao sentido do tato, objeto deste artigo. Os véus, a que se refere, mais do que uma lembrança diáfana, podem sentir a partir de veladuras capazes de nublar a percepção, em imagens pouco nítidas para os sentidos, como interferências impossibilitam sua apreensão completa.

Ao digitar as teclas de um computador, por exemplo, executo este ato mecanicamente e não me detenho na sensação provocada por cada tecla quando encosto meus dedos sobre ela. Ou, quando ao vestir-me com uma peça de roupa, a não ser no momento exato em que a visto, durante o resto do tempo em que permaneço com ela não me detenho a sentir o tecido da mesma quando toca meu corpo. A não ser no caso em que o tecido cause alguma incompatibilidade com minha pele, ou a modelagem da peça esteja inadequada ou incorreta.

Fico propenso a pensar que se a pele altera sua coloração em função do sol, o mesmo pode ocorrer no tocante a sua sensibilidade, e aqui não me refiro a uma exposição prolongada, atitude típica dos dias de verão e causadora de ardência, mas a uma recepção continuada de raios solares que ocorrem cotidianamente.

Proponho pensar na influência de temperaturas sobre nossos corpos, a partir da diferença climática existente entre as cidades de Manaus e São Paulo, e para exemplificar, sugiro uma possível viagem aérea que ocorresse entre elas. Para melhor observação desta diferença, baseei-me em dados fornecidos pelo Jornal *Folha de São Paulo* no período entre os dias 15 e 19 de julho de 2006<sup>2</sup>.

Num suposto deslocamento de uma pessoa que parta de Manaus com destino a São Paulo, a temperatura sofre uma queda entre 8°C e 10°C, considerando-se as variantes mínimas e entre 8°C e 9°C entre as temperaturas máximas. Podemos considerar como aumento de temperatura se pensarmos neste deslocamento em sentido oposto. O tempo estimado de um voo para este trajeto é de seis horas.

Sabemos que nos adaptamos às novas temperaturas ao usar mais ou menos peças de roupa sobre o corpo, ou ainda podemos usar peças de roupa mais pesadas ou mais leves. Porém, o que ocorre de fato com a pele?

Pensamos nossas escolhas sobre o vestir sob o olhar da estética, e desta forma estamos sujeitos às tendências de moda, ou nos comprometemos com o bem estar do corpo? A primeira parte da pergunta pode sugerir desejo, mental e emocional, e a segunda parte o prazer é dominante, mas também ao lado da emoção, e talvez não o percebamos. “O homem encontra seu próprio corpo através de sensações táteis realizadas em objetos exteriores a si”, como afirma Lygia Clark (1992, p. 110), e a pele é o veículo que nos proporciona conhecer este corpo e sentir este contato, identificar o desejo e o prazer.

“A área abrangida pela superfície da pele tem um número enorme de receptores sensoriais captando estímulos de calor, frio, toque, pressão e dor” (MONTAGU, 1988, p. 24). Mesmo que a ciência demonstre as adaptações

---

<sup>2</sup> Na região N, as temperaturas mínimas em Manaus variaram entre 20°C e 24°C e as máximas entre 31°C e 34°C. As variações de temperatura na região SE, em São Paulo, registraram mínimas entre 12°C e 14°C, e máximas entre 22°C e 26°C. (Folha de São Paulo, entre 15 e 19 de Julho de 2006)

entre temperaturas diferentes promovidas pela pele, estes dados não são capazes de descrever as sensações deste viajante antes e depois desta viagem imaginária.

Se como afirma Montagu (idem), “o crescimento e desenvolvimento da pele prosseguem vida afora, e o desenvolvimento de sua sensibilidade depende, em grande medida, do tipo de estimulação ambiental recebida” para este tecido do corpo que se modifica, como será sua percepção aos objetos com os quais tiver contato, ao fim de sua viagem?

Adentro, aqui, num campo mais subjetivo, principalmente porque esta verificação traz um caráter individual e sua manifestação no sujeito será personalizada. O que tento dizer é que, a revelação a respeito do frio ou do calor é particular, já que minha sensação de temperatura é completamente diferente daquela do sujeito que pode estar, exatamente, ao meu lado.

Se as sensações térmicas percebidas são apresentadas como variantes individualizadas, o que me faz deduzir que um tecido “X” é mais indicado para uma estação quente que um tecido “Y”? Na realidade, proponho discutir não apenas a utilização deste ou daquele tecido, mas o que verdadeiramente representa o sentir seu toque sobre a pele em momentos e locais diferentes.

Em uma loja, ao mostrar uma determinada peça de roupa a um cliente, proponho a ele uma experiência não apenas estética, mas de igual valor sensorial, e ao vesti-la ele estará sentindo o toque desta peça ao mesmo tempo em que a avalia visualmente. Sua reação sensorial ao vestir a mesma em sua casa pode estar envolvida por outras emoções, distintas daquelas vividas no interior da loja, e sua percepção provavelmente será outra. Retomando a idéia dos véus, seria como dizer que véus diferentes poderão nos envolver em momentos diferentes.

## **O Design de Moda**

Ao identificar o papel de um artista, Lygia Clark faz a seguinte citação:

Dar ao participante o objeto (ready-made) em si mesmo não tem importância, e que só virá a ter na medida em que o participante agir. É como um ovo que só revela a sua substância quando o abrimos (CLARK, 1980, p. 27).

Esta citação remete a dois pontos que acredito importantes neste momento, o primeiro deles a atuação de um designer de moda e outro me faz retornar à questão da pele tropical.

No tocante ao designer de moda, e aqui me incluo, questiono sobre minha consciência sobre a importância de observar as características de um tecido no momento em que projeto um desenho para ele. Penso sobre suas qualidades táteis e sobre como será o toque do tecido sobre a pele? Penso em sua textura, no atrito que ele provocará sobre o corpo, as relações de conforto e bem estar quando este produto estiver em contato com o usuário? Penso no desenho adequado ao tecido? Ou só me preocupo com a estética?

Muitos designers projetam ainda hoje apenas para o sentido da visão. Preocupam-se unicamente em produzir algo belo de se ver e não lhes interessa que o objeto resulte depois desagradável ao tato, se não tem relações formais com a anatomia humana (...) ou então não se importam de usar materiais que impedem o corpo de transpirar como acontece com algumas cadeiras e poltronas (...) que apesar de muito bonitas são desconfortáveis (MUNARI, 1998, p. 373).

Penso que esta observação é adequada para questionar tais características também no tocante à roupa, ao que proponho para as coleções, ou levo para as passarelas, ou vendo em um grande número de lojas.

Posso, como usuário, vestir uma peça de roupa confeccionada em tecido de algodão, mas cuja gramatura eu sinto pesada, incômoda e desta forma a sensação é de inadequação entre o desenho da peça e o material usado. Qual seria o pensamento do designer de moda ao projetar esta peça? Teria ele imaginado esta impropriedade de relação em seu projeto, ou sua proposta visava, como sugere Munari, atender somente ao sentido da visão?

E neste ponto volto a falar da pele. Talvez mais do que falar o importante seria dizer pensar sobre a pele, esta pele tropical tão pouco lembrada, mas de extrema importância, e como sugeri anteriormente, diferente em suas características e propriedades da pele anglo-saxônica, nórdica, oriental. Ela que vive sob sol intenso durante quase todo o ano, merece atenção e respeito, pois é ela que veste nossas criações...

## **Bibliografia**

ANDRADE, Mário. *Mário de Andrade: poesias completas*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1987.

CLARK, Lygia. *Lygia Clark*. Rio de Janeiro: Funarte, 1980.

HOCHBERG, Julian E. *Percepção*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1966.

MCT-INPE/CPTEC, Folha de São Paulo. *Atmosfera São Paulo*, 2006.

MILLIET, Maria Alice. *Lygia Clark: obra-trajeto*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1992.

MONTAGU, Ashley. *Tocar, o significado humano da pele*. São Paulo: Summus, 1988.

MUNARI, Bruno. *Das coisas nascem coisas*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

SERRES, Michel. *Variações sobre o corpo*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.